

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-
feiras—Não se devolvem os originais—Dos
artigos publicados são responsáveis os seus
autores.

A BATALHA



Director: JOSE S. SANTOS ARKANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
60\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2354

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 4 DE AGOSTO DE 1926

SONHOS & PROJECTOS

Como se despenha um povo do alto da ponte sobre o Tejo na mais dura realidade

Queremos trabalho! Queremos que se produza riqueza social! Queremos
acabar com as fantasias embaladoras!

Lisboa está destinada pela sua
incomparável situação geográfica a
ser uma das cidades mais importan-
tes da Europa. Servida pelo largo e
fornoso estuário do Tejo, acariciada
por um clima de privilégio, cercada
de arredores atraentes, de linhas
suaves e brando colorido, como os
Estoril, esta cidade admirável, devido
ao abandono a que os homens a
votaram, perde-se dia a dia para a
civilização e para o progresso.

As delícias do seu clima não con-
seguem fazer esquecer aos que nos
visitam as mil e uma contrariedades
produzidas pela falta de con-
forto, pela falta de higiene, pela
falta de educação, pela falta de tudo
o que é elementar numa capital de
renome, como esta.

O estrangeiro chega ao nosso
porto e mesmo que seja americano
ou chinês vê-se grego, como vulgar-
mente se diz, para alcançar o caes.
Os navios ficam ao largo, como que
receosos de tomar contacto com
esta cidade tão linda, vista lá de
largo, e tão atrozada, quando exa-
minada de perto.

Frágeis embarcações vão buscar
o visitante a bordo do transatlân-
tico e trazem-no a terra. Aqui so-
frem as primeiras desiluições. Os pa-
vimentos são maus. Ao longo dos
caes vêem-se barracões imundos. A
alfândega leva-lhes côro e cabelo
em impostos absurdos. As estradas
de turismo são precipícios perigo-
sos onde os chauffeurs usados lan-
çam os carros quasi à sorte, depois
de terem feito em casa, na previsão
de uma fatalidade, as últimas dispo-
sições.

Se lhes apetece, aos ingénuos vi-
sitantes, passear pela cidade para
conhecê-la, sofrem outra desilusão.
A casaria é suja, os empregados da
Câmara, obedecendo a ordens estúpi-
das, varrem às quatro horas da
tarde a poeira para os fatos dos
transientes; o trânsito de peões é
tão desordenado e incoerente como
a política nacional.

E o turista de mal impressionado

que fica, fuge quanto antes para
Madrid ou para Paris, rogando-nos
pragas e inventando *blagues*, cheias
de razão, que põem Portugal pelas
ruas da amargura.

A falta de confortos, em compen-
sação, temos esplêndidos projec-
tos para oferecer ao visitante cu-
rioso. Levamo-lo ali ao Terreiro do
Paço, apontamos-lhe a outra mar-
gem, de difícil acesso em vapores
antiquados ou catraios ligeiros, e
dizemos-lhe:

—Vamos construir uma ponte
formidável que ligará as duas mar-
gens. Será a obra mais perfeita no
gênero. Será de três taboleiros. Num
instalar-se-hão cafés e *bars*, para
durante as tardes quentes do verão
virmos gosar a brisa fresca do rio;
o outro será para trânsito de peões
e o terceiro para trânsito de veícu-
los. No outro lado do Tejo—pro-
segue o português patriota e eluci-
dativo—construir-se-há uma nova
cidade, a cidade comercial e indus-
trial, servida de cais amplos, onde
os bojudos navios de carga carre-
garão e descarregarão os mais va-
riados produtos. Na margem de Lis-
boa abre-se uma avenida colossal,
a célebre avenida marginal, ampla,
deslumbrante...

E vai enumerando e vai fantasian-
do. Mas há quantos anos andam
os mais formosos projectos execu-
tando bailados na cabeça dos go-
vernos e das edilidades?

A realidade, a dura realidade é
triste, é confrangedora. Chegámos
à última. Presente-se que uma reac-
ção geral contra este estado de co-
sas se está operando. Mas é lenta
e animo-o quasi sempre mais o es-
pírito mercantilista, que torna as
coisas pela carestia inacessíveis à
maioria, do que o desejo de realizar
obras progressivas.

Uma multidão operária, faminta,
espera de braços cruzados que es-
tes senhores que tudo podem, por-
que têm o dinheiro, abandonem as
suas deliciosas fantasias e materia-
lizem em factos um pouco do muito
que já se projectou.

AS GRANDES OBRAS

Começou já a degolação dos inocentes

com o despedimento de operários
municipais

A edilidade militar aboleada no Pelouri-
nho iniciou já a sua obra. Os despedimen-
tos vão ser consumados, a pesar de todos
os protestos justos das vítimas. Ninguém
escapa ao furacão, pois, não serão menos
de 500 os operários condenados à fome.
Com isto quer a edilidade militar fazer
poupança de 700 contos, ainda que isso
force inúmeras famílias a gastar sem recel-
tas asseguradas. O plano financeiro-muni-
cipal tem uma graça que se torna agra-
dosa: fundar uma economia próspera em quan-
tias nas ruínas de uma economia farta—em
privações...

A limpeza, os pavimentos, as regas, tudo
era péssimo; vai ficar uma maravilha, após
o despedimento de meio milhão de operá-
rios. E o ataque começa com grande dan-
co, frenesi.

Não faltará a tragédia. O guarda dos jar-
dins Luis Pinto de Ataíde encontrava-se
gravemente enfermo. Veiu súbita a notícia
do seu despedimento, na ocasião dos gran-
des sacrifícios que uma grave doença com-
porta—e uma congestão cerebral fulminou
a pobre vítima.

Documentos passados por pessoas de re-
conhecida confiança ou consideração pú-
blica, como os médicos e os cirurgiões dos
hospitais, não merecem crédito nem exame
prévio. Quem esteja com parte de doente,
sem delongas é demitido.

E mesmo uma parte do pessoal que ande
de licença disciplinar ou autorizada, será
igualmente demitido.

Tudo se corta—para economizar. Despe-
dem-se operários para que diminuam na
Câmara as despesas com salários e nos la-
res as despesas com... o senhorio e o
fendeiro. Deixa-se de fazer a higiene e a
conservação nas ruas, obras de melhora-
mentos, tudo o que necessite uma cidade—para
que as verbas correspondentes fiquem nos
cofres da Câmara.

Os ânimos exaltados

Na rua Cidade de Cardiff, vários indivi-
duos envolveram em desordem da qual
resultou ferimentos, Amadeu Dias, de 29
anos, sergente de pedreiro, Caminho de
Beixo da Penha, 12, loja, no rosto, e Silvé-
rio, Vila Nova Souto, de 27 anos, natural
de Puentevedra, despachante da C. P., rua
Cidade de Cardiff, 28, cave, ferido no joelho
esquerdo. Depois de pensados no Banco do
Hospital de São José, seguiram para casa.

No Banco do Hospital de São José, for-
am pensados e seguiram para casa, Manuel
Barbosa, de 23 anos, sapateiro, rua do Ca-
bo, 54, rez-do-chão, agredido na rua da
Beteiga, com uma facada no rosto, e Rosá-
ria Fernandes da Costa, de 22 anos, natural
de Arcos de Vale de Vez, rua da Oliveira,
22, 2.º, que, na residência, foi agredida
pelo marido, ficando ferida no rosto.

NOS «BAS-FONDS» DA CIDADE

Uma entrevista com um senhorio do 'Bairro Chinês' que também deve concordar com a redução de 50%, nas rendas das sórdidas habitações do bairro

Um boato que felizmente se não confirmou

Ontem à tarde, chegaram até nós leves
rumores de que no «Bairro Chinês» alguma
coisa de grave se passava. Conhecedores
do estado de espírito dos moradores desse
bairro e da arrogante atitude de alguns dos
seus senhorios, não duvidámos que o mo-
vimento contra o aumento das rendas de
casas iniciados no domingo tivessem assumido
um aspecto de beligerância.

Por esse motivo um nosso redactor, a
despeito do calor tropical que fazia, diri-
giu-se a Marvila para conhecer o que ocor-
ria no «Bairro Chinês».

Finalmente, com espanto do nosso enviado o
«Bairro Chinês» oferecia ao jornalista a sua
habitual tranquilidade. Nada de anormal se
notava na Quinta do Marquês de Abrantes.

O tio Heitor lá se conservava à porta da
sua pocilga, sorridente para o jornalista, os
habitantes do bairro trocavam uma ou
outra palavra a propósito do movimento e
as barracas, com a sua triste fisionomia,
aguardavam o primeiro ciclone para desa-
parecerem do número de habitações.

Não quisemos, porém, dar por mal em-
pregado o tempo. Informados de que não
houvera nenhum conflito, quisemos saber
qual a atitude dos moradores em face da
intransigência dos senhorios.

Tavares Adão, na qualidade de membro
da comissão de defesa dos moradores do
«Bairro Chinês», presta-nos os necessários
esclarecimentos:

—O movimento prossegue com a cora-
gem do primeiro dia. No passado domingo,
como os senhorios não quiseram re-
ceber a renda com a redução de 50%, os
inquilinos do bairro resolveram não pagar
renda.

E sempre muito animado:
—Há senhorios que já transigem. Alguns
aceitam uma redução de 20 e 30% nas ren-
das. Com mais um pequeno esforço tudo
se harmonizará.

—É possível essa harmonia?
—Talvez. Na próxima quinta-feira vão
reunir-se em conjunto inquilinos e senho-
rios. É possível que ali se encontre a solu-
ção.

Uma entrevista com um senhorio, depois
das declarações de Tavares Adão, impu-
na-se. Mas como conseguiu? Os senho-
rios recusar-se-iam a fazer declarações.

—Talvez não desistimos. Fomos até ao
extremo. Procurámos o sr. Manuel Silveira,
o senhorio que está mais irritado com a
«Batalha», em virtude dos comentários
que temos publicado a seu respeito.

Mas entrevistá-lo o sr. Manuel Silveira é
mais difícil do que entrevistá-lo primeiro
ministro da república.

ANGOLA E METRÓPOLE-BANCO DE PORTUGAL

A mulher de Alves Reis deu ontem entrada no Aljube, sendo-lhe arbitrada a fiança de cinco mil contos

Ressuscitaram-se processos inquisitoriais, martirizando-se as famílias dos presos
para obrigá-los a confessar o que fôr de agrado da Justiça

O caso Angola e Metrópole-Banco de
Portugal volta a interessar a opinião pú-
blica devido à situação em que ficaram os
acusados depois da pronúncia.

Como os leitores sabem, dos cinco pre-
sos a quem o dr. Francisco Menano admi-
tiu fiança, só saiu anteontem o dr. Carlos
Pereira, por ter sido depositada na Caixa
Geral a quantia de 50 contos.

Dos restantes quatro, apenas ficou ontem
na Cadeia Nacional o sr. Avelino Teixeira
por não ter conseguido ainda arranjar a
fiança de 300 contos, que lhe foi arbitrada.

Para que os outros três—os drs. Nuno
Simões, Carneiro Franco e Pinto de Lima—
saíssem em liberdade até ao julgamento,
foram depositadas, ao princípio da tarde,
na Caixa Geral, as respectivas quantias de
280, 50 e 144 contos.

Estas importâncias foram cobertas por
subscreção entre diversos amigos pessoais
dos três.

Apresentados ao dr. Francisco Menano
os recibos dos respectivos depósitos, foi
por aquele magistrado lavrada a ordem de
soltura dos três presos que foi levada à
Penitenciária pelo escrivão sr. Aníbal Ma-
chado.

Nuno Simões, Carneiro Franco e Pinto
de Lima aguardavam a libertação com al-
guns amigos num gabinete.

A's 14,15 chegou à Penitenciária o sr.
Aníbal Machado. Mas, na confusão natural,
proveniente de lidar com tanta papela,
esqueceu-se de dar a ordem de soltura que
o agente foi buscar, de automovel.

Cumpridas todas as formalidades legais,
às 15 horas já os três presos puderam sair.
Aguardavam-nos, para os acompanharem,
alguns amigos.

Mas quis-se evitar que a saída fosse sur-
preendida pelos jornalistas, e, especialmen-
te, pelos fotógrafos. E, por isso, a certa al-
tura, fez-se desparar que eles já haviam saído
e, para nos espantarem, os amigos dos pre-
sos afastaram-se em «taxi».eram 15,45.

Só no fim da tarde, os três presos se re-
solveram a sair, tendo seguido de «taxi»,
com algumas pessoas que os esperavam.

A's 15,15 chegou à Penitenciária o dr.
Cunha e Costa que teve uma larga conferên-
cia com Alves Reis.

Interrogado por um jornalista do *Diário
de Lisboa*, estabeleceu-se entre ambos o se-
guinte diálogo:

—Vou requerer a instrução contraditória
do processo—disse aquele advogado—e o
mesmo farão os advogados dos outros pre-
sos.

E acrescentou:
—Desde Novembro que os únicos que
têm falado são os da parte contrária. Sem-

pre que invocamos a Constituição e a Lei,
respondem-nos com leis de excepção e
agora dão-nos apenas cinco dias para se re-
querer instrução contraditória dum pro-
cesso de cincoenta volumes que nós desco-
nhecemos em absoluto. Apesar disso, va-
mos requerer essa instrução contraditória.

—Isso retardará o julgamento?

—Em qualquer dos casos o julgamento
só se fará muito tarde. Não se pode mesmo
calcular quando...

Documentos que causam pânico

Agora, leitores, noticiemos com a possí-
vel serenidade uma infâmia, a juntar às
muitas que durante as investigações se co-
meteram. Como dissemos, Alves Reis an-
teontem ao ser interrogado apresentou
alguns documentos importantes. Não disse-
mos, porém, que espécie de documentos
são esses. Hoje, melhor informados, pode-
mos asseverar que constam de um contrato
firmado entre Alves Reis e o Banco de
Portugal para a emissão de notas de cem
escudos chapa Marechal Saldanha e de mil
escudos, e de um *fac-simile* das aludidas
notas que ainda não foram postas em cir-
culação, mas que já devem estar prontas.

Esta documentação constitui uma acusa-
ção esmagadora contra Inocêncio Camacho
e Mota Gomes, respectivamente, governa-
dor e vice-governador do Banco de Portu-
gal.

O dr. Paulo Menano que, além de exímio
guitarrista, é juiz instrutor deste processo,
não pôde, segundo nos informam, reprimir
o seu espanto ante tais documentos.

E como as investigações têm sido condu-
zidas no sentido de salvar o Banco de Portu-
gal para surgir em público como único
culpado o Angola e Metrópole, tramou-se
decretar o plano que abafará o escândalo,
se não houver na imprensa quem tenha a
coragem moral de, sem tibiesas, o pôr a
descoberto.

Como foi presa a mulher de Alves Reis

Creemos que, em consequência do efeito
produzido por esses documentos, se lan-
çou um expediente infame que, reprimi-
do a nossa indignação, relatamos fiel-
mente.

Ontem, pelas 18 horas, quando a esposa
de Alves Reis vinha de visitar o marido, o
agente Pereira dos Santos, por ordem de
Paulo Menano, prendeu-a à porta da Cadeia
Nacional. Disse o *hábil* agente, que os
leitores já conhecem pela célebre e impor-
tante apreensão de um casaco de peles, que

a conduzia ao governo civil a fim de pre-
star declarações ao juiz instrutor.

No governo civil esperou que a interro-
gassem até às 22 horas. Porém o dr. Me-
nano não aparecia. Só por aquela hora este
juiz telefonou do Banco de Portugal, onde
estava em misteriosa conferência, dizendo
que se encontrava doente e não podia in-
terrogar a presa. Mas que lhe dissessem
a sua fiança era de 5.000 contos e a
conduzisse ao Aljube, para onde foi re-
movida, acompanhada do agente Vicente.

Ora, convém esclarecer os leitores sobre
esta manobra. Há dias foram arrolados ao
pai da detida todos os seus bens. Depreen-
de-se que a quantia exagerada de 5.000 con-
tos arbitrada como fiança obedecia ao in-
tuito de conservar presa a mulher de Alves
Reis, maneira de exercer uma coacção
moral infame sobre o marido que é ami-
ssíssimo da sua companheira.

Como nos tempos da Inquisição

Estamos na presença da mais aviltante
manobra dos últimos tempos. Faz-nos lem-
brar os crimes da Inquisição.

Para forçar um homem, que é acusado, a
abandonar a sua defesa, porque esta atinge
esmagadoramente figuras de destaque
nesta sociedade burguesa e corrupta, mar-
tiriza-se-lhe a mulher.

Não nos move a menor simpatia para
com Alves Reis. Temos-lhe afirmado e
repetido-lhe hoje. Mas nem que ele fosse
um parricida repugnante deixaríamos pas-
sar em claro, sem um protesto, a infâmia
de que acaba de ser vítima.

Os parentes próximos de um delinquento
nunca, à face da lei, podem ser perseguidos
como encoberidores ou cúmplices. Não há
pai que acuse um filho, nem esposa estre-
mosa que denuncie o marido.

Abre-se agora uma excepção repugnante
perseguido a mulher de um preso para
obrigá-la a calar acusações que atingem
Inocêncio Camacho e Mota Gomes.

Amanhã esta excepção tornar-se-há uma
regra odiosa. E nem os pais nem as espo-
sas poderão viver descansados, porque esta
justiça cega torná-los há responsáveis pelos
delitos dos seus parentes mais queridos.

Mas estamos convencidos de que estas
manobras não conseguirão salvar os diri-
gentes do Banco de Portugal, sobre quem
a opinião pública—o supremo juiz—já lan-
çou a sua pesada condenação.

Foi encarregado da defesa de Oscar Ze-
nha o nosso camarada Campos Lima, que
já iniciou os seus trabalhos.

INDUSTRIAIS INDUSTRIOSOS...

Um júri de industriais condena um operário a uma pena bárbara

Uma carta do dr. Sobral de Campos, seu defensor, ao réu condenado
iniquamente a vinte anos de degredo

A José Pinto Ferreira, condenado
na Covilhã, por um júri de indus-
triais, a 6 anos de penitenciária segui-
dos de 10 de degredo ou, na alternati-
va, a 20 de degredo, no dia 30 de Ju-
ho de 1926, por um crime que não
praticou e não se provou—sentença que
recebeu a repulsa da imensa maioria
da população daquela cidade da Beira.

Amigo:

Regressando a Lisboa do meu extenuante,
inglorio e inútil trabalho—ou seja a defesa
de quem me encarregaste, pobre rapaz!, pe-
tos poderes que me conferiste em procura-
ção—eu trouxe ainda no espírito a pertur-
bação causada pela hedionda façanha do
júri que te condenou e que já antecipa-
mente deliberava antes de assistir à discus-
são da causa. Tu estavas, pobre rapaz!
irremediavelmente perdido desde que foste
surteado a um júri de industriais, solidários
com o industrial queixoso, e, mais ainda,
desde que obstinadamente insististe na
ideia de me teres ali, no dia do teu julga-
mento, como desinteressado, dedicado e
aguerido defensor.

A ideia de que sofria grave risco a admi-
nistração sã e equilibrada da justiça, no
caso que te dizia respeito, com a consti-
tuição daquele júri, surge-nos claramente
daquelas honestas, inteligentes e elevadas
palavras que o digno representante do mi-
nistério público deixou suspensas, pairando
sobre todas as consciências bem formadas,
no final da sua oração:

—Senhores jurados, julgai agora confor-
me a vossa consciência vos mandar, mas,
ao tomardes a vossa decisão, esquecei-vos,
como deveis, da vossa própria condição!

De nada serviu, porém, tão bom con-
selho, inuteis sendo os honestos esforços da
acusação pública—representante dos inter-
esses da sociedade—pois que os membros
do júri (todos industriais) não ouviram, não
quiseram ouvir semelhante conselho, não
prestando atenção a tudo aquilo que lhes
fazia lembrar a sua própria condição, que
lhes recordava e lhes fazia ter bem presen-
tes o seu espírito de casta e os seus com-
promissos de classe—que obrigavam a uma
solidariedade incondicional com a crueldade
e o desejo de vingança, cega e implacá-
vel, do queixoso Catalão.

Que a minha presença havia, necessári-
amente, de acirrar-lhes o ânimo para a prá-
tica do nefando acto—não obstante a mi-
nha correcção e a minha nunca esquecida
preocupação de polir arestas, suavisar atri-

tos, evitar sangrentos e justos comentários
—também não havia dúvidas possíveis.

Mal avisado andaste, pois, pobre rapaz!
em obstinadamente insistires no propósito
firme de me teres a teu lado, como teu de-
dicado defensor, no dia do teu julgamento,
deixando-te guiar nessa obstinação apenas
pela santa ingenuidade do teu espírito e
desprezando os sãos e constantes consel-
hos—saber de experiências feitas—das pes-
soas de tua família e de sinceros amigos
teus, que procuravam (e muito bem para o
teu interesse) desviar-te de mim e encon-
trar-te outro defensor cuja presença na
audiência não fosse, como foi a minha,
um permanente estímulo, como foi a inor-
dinada da tua decisão, recebida com repulsa
pela laboriosa cidade beirã ou pela imensa
maioria da tua população.

Havia de suceder assim. Pois tu não te
lembras, meu rapaz, que em tempos foste
procurado por uma comissão de damas—
a que o meu illustre colega, dr. Cunha e
Costa, com a sua mordacíssima *verve*, cha-
maria, por certo, as damas de paus, de co-
pas, de espadas e de oiros, as damas do
batalhão... no sentido de conseguirem de
ti que me não tomassem como seu defen-
sor?! Não te lembras disto? Não te
lembras que essas damas te disseram—
murmuradas de... *crisões e santíssimas inten-
ções*...—que, se não levasse o advogado
da organização operária, te arranjariam
outro e se interessariam junto dos jurados
pela tua absolvição?!

Lembras-te, por certo. E, então, já vês, que
mal avisado andaste em não aceitar essas
ofertas e em não ouvir esses conselhos ami-
gos e insistentes que de mim te desviavam,
como quem te desviasse de uma epidemia
mortífera ou de um precipício horrível.

Andaste mal, meu rapaz! Foste vítima de
ti próprio: da tua ingenuidade, da tua in-
consciência.

Vinte anos de degredo, coisa pouca, esse
nada na vida de um homem—principal-
mente de um homem que—conforme te
disse, serena e angélicamente, no final do
julgamento, o juiz presidente do tribunal—
«é ainda novo, tem diante de si uma larga
vida e pode contar com os seus dias», se os
mereceres com o teu porte futuro, na peni-
tenciária ou no degredo, lá por terras de
África...

Notas & Comentários

Insuportável!

O regime da censura aos jornais é cada
vez mais intolerável e vexatório para quem
possui um cérebro livre para pensar e uma
pena para escrever. As instruções que acaba-
mos de receber e às quais nós é vedado
fazer pública referência além de absurdas
são ultrajantes. Como não vimos que este
governo saia daquela paz pôde que carac-
terizou os governos anteriores, chegamos
a julgar que a revolução de 28 de Maio
foi feita apenas contra os jornais. Move-
mentaram-se dez mil homens para pôr uma
coleira e uma corrente aos jornalistas. Os
jornais, segundo novas exigências da co-
missão de censura, além das ofensas mo-
rais que recebem ainda dos sujeitos aos
maiores absorventes prejuízos materiais, de-
vido à demora a que se obriga as suas
tiragens.

Milagre! Milagre!...

Lourdes é a terra santa dos milagres da
fé católica. Os milagres são poucos, mas
são de abrir a boca de espanto ao mais
obstinado dos descrentes.

Das Novidades de ontem passamos a
transcrever o seguinte telegrama:

«MEDINA, 3.—Faleceu, pelas 2,30 da
manhã, ao chegar a esta estação o comboio
de peregrinos de Lourdes, a irmã do
arcebispo de Vila Real».

Ora aqui temos, leitor, um milagre estu-
pendo! Ia a Lourdes curar-se—e morreu no
caminho. Morreu e, portanto, curou-se du-
ma vez para sempre.

O milagre não pode ter sido mais com-
pleto!

Um decreto odioso

Noticiou ontem a imprensa que, pelo mi-
nistério do Interior, estava sendo elabora-
do um decreto regulando o processo de jul-
gamento dos que forem acusados de tur-
badores da ordem pública. O processo
será sumário e verificar-se-há em vinte e
quatro horas, sendo deportados os que fo-
rem condenados. Se, efectivamente, o decreto
tem estas características é de um odioso
estupendo. Em vinte e quatro horas não há
possibilidade de se proceder a uma inves-
tigação conscienciosa e a deportação é um
crime. Mas... cala-te boca: olha a cen-
sura!...

Uma nora de perigoso engenho

A Sala de Observações do Banco do
hospital de São José, recolheu José João,
de 12 anos, residente no Sobral do Monte
Agraço, trabalhador, e que quando ali, nu-
ma propriedade de Francisco João, estava
o engenho de uma nora foi por ele colhido,
ficando ferido no pé esquerdo.

E' necessário defender os tra- peiros da crueldade da vereação militar

A Câmara Municipal de Lisboa tomou
para com os trapeiros uma atitude antipá-
tica que revela uma ausência total de espí-
rito de justiça e uma revoltante falta de
humanidade. Atacada dum furor súbito e
ineplicable, resolveu suprimir a existên-
cia dos trapeiros, proibindo-os de exercer
o seu triste e pobríssimo mister, esquecen-
do-se de que eles são velhos e tropegos que
não têm outro meio de subsistir. Proibi-
los de exercer o seu miserio ofício equivale
a condená-los à fome e, portanto, à morte.
Não estamos fazendo sentimentalismo lite-
rário, não estamos fabricando um roman-
ço. Senão digam-nos os mavórticos vereado-
res da Câmara: de que vão passar a viver
os trapeiros? Bem sabemos que de cois-
as mínimas

A resistência dos camponeses de Molinella à lei de corporações tem sido esforçada

Molinella é uma localidade situada ao centro de Itália. Desculpe-se esta lição de geografia rural, e saiba-se que ali o terror fascista tem-se encarnado com uma violência brutal. Os trabalhadores e também as trabalhadoras—tantas vezes a vanguarda da resistência operária—defendiam-se com bravura dos ataques e dos vexames que os fascistas cometiam.

Ao publicar-se a famosa lei das corporações, os camponeses de Molinella recusaram-se a aderir aos sindicatos fascistas, não os intimando as ameaças. A sua organização sindical foi dissolvida violentamente, sob a acusação de ter finalidade subversiva e anti-nacional.

A passagem, que seguidamente vamos transcrever de uma carta dirigida aos trabalhadores de Molinella pelo «fascio» local, é um documento que comprova como a burguesia interpreta o seu adorável princípio da liberdade de trabalho:

«Nenhum operário poderá ser admitido sem estar munido da caderneta dos sindicatos nacionais fascistas; e aquele que se apresente como filiado em qualquer sindicato livre, imediatamente deverá ser despedido».

Os operários que se recusam a aderir às corporações fascistas são perseguidos, agredidos e, muitas vezes, mortos. Os filhos dos trabalhadores têm de ser, forçosamente, educados por preceptores fascistas e matriculados em instituições de infância dos fascistas, denominadas *babúlas*.

Os camponeses, porém, reagiram. Numa aldeia próxima de Cagliari, cerca de 3.000 camponeses, armados dos seus instrumentos de trabalho, atacaram a *maire* e feriram o *maire* e outros funcionários. A revolta foi sufocada com reforços chegados de vários pontos. Contudo, em várias localidades os operários têm reagido contra a obrigatória adesão às corporações.

Esta resistência causa vitimas. Em Julho foram presos mais de duzentos trabalhadores, dos quais ainda conservam em clausura uns trinta.

AS VITIMAS DO CAPITALISMO

Os trabalhadores da Bessarábia são obrigados ao êxodo para não morrerem por falta de recursos

As estatísticas referentes à Bessarábia, actualmente, submetida à Roménia, mostram que a situação económica naquele país agrava-se constantemente. O operário não encontra onde empregar a sua actividade, vendo-se obrigado a emigrar para a Roménia, o velho reino.

A maior parte dos bessarábios, porém, não compreende o idioma romeno, do que resulta as enormes dificuldades na consecução de trabalho e, por isso, o alastramento da crise. Em todas as indústrias, verifica-se uma forte redução de trabalho, dobrou, mesmo, em comparação a 1925.

Assim, no último trimestre de 1925, segundo as estatísticas publicadas — houve 2.752 pedidos de mão-de-obra na Bessarábia, ao passo que se registaram 3.559 pedi-

dos de colocação. A R. I. T. declara ter empregado 1.411 na Bessarábia e 916 no velho-reino, ficando sem trabalho 415 operários.

No primeiro trimestre de 1926, fizeram-se 2.859 pedidos de mão-de-obra e 4.489 pedidos de colocação, dos quais, na Bessarábia, apenas 946 puderam ser satisfeitos; 2.089 foram para o exterior, ficando, pois, 1.454 sem trabalho.

Verifica-se que os pedidos de mão-de-obra escasseiam na Bessarábia a tal ponto que há necessidade de expedir operários para longe das suas terras.

Acentuaremos que os números relativos a 1925 referem-se a um período de menor actividade económica que em 1926. Este ano, no primeiro trimestre, notou-se um acréscimo devido à interdição dos trabalhos agrícolas.

Os salários têm sofrido grandes baixas, chegando a atingir, entre os operários especializados, a soma de 50 e 60 lei diários, ou sejam, números redondos, cinco e seis escudos.

Os trabalhadores rurais não ganham mais que seis escudos por dia, havendo os que ganham quatro escudos.

As privações são inúmeras, como facilmente supõe quem viva unicamente do seu trabalho. A fome entra em muitos lares de trabalhadores. É este o resultado da dominação da burguesia romena sobre o proletariado bessarábio.

A ofensiva contra a reacção católica

No México andam em guerra sangrenta a luz e as trevas

MEXICO, 3.—O presidente Calles declarou a uma comissão de operários que o conflito latente é entre a reacção e a consciência, o mesmo que dizer uma luta entre as trevas e a luz. Em Puebla, um popular, que afixara uma proclamação católica, travou exaltada discussão com o general Amayas, sobre o qual disparou um tiro. O agressor foi logo preso, mas, a caminho do cárcere, foi morto por um desconhecido. No último dia de Julho realizaram-se missas nas igrejas, que depois foram encerradas, segundo as indicações do arcebispo. —(H.)

Uma esperança radiosa

MEXICO, 3.—O clero mexicano pediu ao governo para que realizasse o «referendum» sobre as medidas tomadas contra a igreja e que determinaram a grave questão religiosa que o México suporta neste momento. —(H.)

Uma inútil manifestação de sectarismo católico na Hungria

BUDAPEST, 3.—O cardinal Mikes enviou uma circular ao clero da diocese de Szombathely, lembrando que por ocasião das festas nacionais nenhum ofício de culto católico poderá ser celebrado ao mesmo tempo, ou sucessivamente, que se pratique noutro qualquer culto religioso e no mesmo local. Também no acto de bênção das bandeiras os padres católicos não devem ter contacto com os doutra religião. A igreja católica igualmente se opõe à condução de bandeiras dos templos católicos para os templos doutras religiões. —(H.)

INSTRUÇÃO

Escola dos Descarregadores do Porto de Lisboa

Realizaram-se no domingo transacto os exames de passagem de classes dos alunos da Escola dos Descarregadores do Porto de Lisboa, que foram examinados pelos professores Ladislau Batalha e D. Manuela Vairinho.

Houve em seguida uma sessão solene na qual usaram da palavra o secretário da Federação Marítima e os delegados do tráfego, frageiros e estivadores.

Fizeram depois a sua despedida da escola os seguintes alunos que fizeram exame de instrução primária na Escola Rodrigues Sampaio: Manuel Baeta, Mário Cândido dos Santos, António Lopes Germano, Ludgero da Silva Oliveira, Ilda Simões, José Maria Cardoso e César dos Santos, tendo a comissão escolar oferecido a cada um uma caneta de prata.

Houve depois um lanche aos alunos, tendo-se realizado à noite um sarau dramático levado a efeito pelos alunos.

Atropelamentos

No Banco do hospital de São José, foi pensado e recolheu depois a casa, António Frago, de 57 anos, natural de Azambuja, carroeiro, residente na travessa do Forno, 13, à Ajuda, e que, na rua Morais Soares, foi atropelado por um camião, ficando com o braço direito fracturado, e José Consciência, de 30 anos, natural de Lisboa, carroeiro, residente na Vila Grilo ao Alto do Pina, que, próximo do Castelo de São Jorge, foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando ferido no pé direito.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário também recebeu curativo e recolheu em seguida à Sala de Observações do hospital de São José, Joaquim Rosa, de 46 anos, natural da Covilhã, e da Cruz em Alcântara, 4, 1.º, e que, em Alcântara, foi colhido por uma carroça ficando com várias contusões pelo corpo.

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e seguiu depois para casa, Alfredo de Oliveira, de 30 anos, pintor, rua da Fábrica das Sedas, 5, loja, que caiu de uma bicicleta que montava, no Carregado, ficando contuso nas costas.

—(H.)

TEATRO AVENIDA HOJE
E TODAS AS NOITES
O FAMOSO
Dr. da Mula Ruça
Primoroso desempenho
Orquestra Jazz-Band

Um ciclista desequilibrado

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e seguiu depois para casa, Alfredo de Oliveira, de 30 anos, pintor, rua da Fábrica das Sedas, 5, loja, que caiu de uma bicicleta que montava, no Carregado, ficando contuso nas costas.

TIVOLI — TELEFONE N. 5474 — ÀS 21 HORAS

Um casamento à americana
Comédia em oito partes, com OSSÍ OSWALDO

Uma aliança perigosa
(Cinco partes). Produção francesa, com DOLLY DAVIS no principal papel

UM DOCUMENTÁRIO
NO REINO DO AR
Bonecos desenhados por J. B. BARRY
Amanhã: Matinée às 3 horas

Um casamento à americana
é um «film» alemão, de belas paisagens, que tem como protagonista a actriz Ossí Oswald.

São excelentes as fotografias, sendo também digna de nota a encenação do divertido «film».

Uma aliança perigosa é uma comédia de sociedade, bem urdida, a que Dolly Davis empresta uma infinidade de nuances, fazendo realçar a sua graciosidade e elegância.

A fúria de um polícia, segundo informação do hospital de São José

Na Golegã residem vários operários que se empregam nas oficinas gerais que a C. P. possui no Entroncamento, entre eles o serralheiro montador, Artur Maria Correia, de 21 anos, natural de Lisboa. Há tempos, o Correia, enamorado-se de uma rapariga daquela vila, Catarina Maltez, de 22 anos, costureira, filha de Sebastião da Silva Maltez e de Maria da Conceição Gouveia, residente na rua da Rosa, na Golegã. Tem a Catarina um irmão, Joaquim da Silva Maltez, de 35 anos, guarda da P. S. N.º 1.039, ao serviço da Câmara Municipal de Lisboa, o qual, por vezes, se tem dirigido ao Correia, a fim de este realizar, com brevidade, o enlace com a Catarina. Ontem, de novo, o Joaquim dirigiu-se à Golegã, e à hora em que, de manhã, os operários iam para o trabalho, cujo percurso os que residem na Golegã costumam fazer, dali às oficinas, em bicicleta. Quando um grupo de seis passava próximo da vinha do Francisco Calado, conhecida pela vinha do Francisco Abegão, saiu-lhes à frente, na estrada, o Joaquim, armado de uma espingarda caçadeira, intimando-os a fazer alto, no que foi imediatamente obedecido. Depois, dirigiu-se ao Correia, com quem trocou algumas palavras, apontando-lhe em seguida a arma. A Catarina que havia ido em companhia do irmão, correu para junto do Joaquim, a quem se agarrou. Nesse momento souu um tiro, cuja carga foi atingir, na cabeça, a Catarina, que caiu prostrada. Seguiu-se segundo tiro, indo a carga alvejar o Correia, ferindo-o bastante no braço, perna esquerda e na cabeça. Então, os companheiros, já refectos da surpresa, acudiram aos feridos, sendo preso o agressor e conduzido à Golegã, em cuja cadeia deu entrada, enquanto os feridos eram levados para a mesma vila, onde lhes foram ministrados os primeiros socorros, vindo depois para Lisboa, onde um auto da Cruz Vermelha os transportou ao hospital de São José, em cujo banco foram observados pelos Drs. Amândio Pinto e Renato de Araújo, recolhendo depois de devidamente pensados o Correia à enfermaria de Santo Onofre e a Catarina à sala de observações, sendo grave o estado desta.

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

Contradições dos livros santos

Mas os próprios livros do Novo Testamento, que são a alma doutrinária da reforma religiosa do Cristianismo, estão, como os da lei antiga, inchados de contradições, a começar nas genealogias de Jesus, que têm sido objecto das críticas de todos os escritores racionalistas.

Por isso mesmo, passaremos esse capítulo em claro. Mas citaremos outras não menos importantes:

São quatro os evangelhos canónicos, pois que a igreja ainda nada decidiu sobre a autenticidade dum *Evangelho* e dum *Apocalypse* de descoberta recente, atribuídos ao apóstolo Pedro. Ora, desses quatro evangelistas, apenas um, São Lucas, ao desenvolver entre nós os olhos o drama da paixão do seu herói, nos relata a cena do anjo que, no jardim de Gethsemani, desce a confortá-lo; apenas Lucas nos dá conta do momento de ter o Cristo suado sangue (*sic*); apenas Lucas nos refere o golpe dado por um discípulo irritado na orelha do Malco, servo do sumo pontífice; apenas Lucas nos dá conta de ter Jesus sido levado à presença de Herodes; apenas Lucas refere o episódio do comoveio do pranto das santas mulheres no seguimento do Cristo, e da alocação que este lhes dirige prevendo a queda da ingrata Jerusalém; apenas Lucas nos diz que um dos ladrões, que foram companheiros de desgraça do seu herói, se converteu falando com ele no patíbulo; apenas Lucas, finalmente, soube contar-nos com que abundância de magnanimidade, Jesus, do alto do madeiro, ao expirar, lega o perdão aos seus algozes.

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

A sua omissão nos outros resulta, pois, uma flagrante contradição com este.

Mas há mais do que omissão; há divergências fundamentais e irreconciliáveis.

Todos os outros evangelistas dão como últimas palavras do suplicio do Golgota esta expressão de angustioso desalento, uma como que confissão de descrença tardia na justiça e na eficácia do próprio trabalho, um como que acto de arrependimento estéril: «Meu Pai! meu Pai porque me desamparaste?»

Lucas, já decididamente teologizante e partidário da Divindade de Jesus, não podia deixar de ver em tais palavras uma negação da sua doutrina pessoal, e por isso as rejeitou, substituindo-as por estas: «Pai! nas tuas mãos entrego o meu espírito».

Qual deles nos fala verdade? Na primeira Epístola de São Pedro, lê-se: «... os que testemunha do drama, ao qual nos estamos referindo, e como o Evangelho já acima aludido, dá-nos dele rápida notícia. Aí se omite também o perdão dado por Jesus aos algozes e o sorteamento lançado sobre as suas vestes, conforme Lucas refere (cap. XXIII, V. 34).

Da parte dos outros evangelistas, silêncio absoluto sobre tudo isto!

São pormenores secundários? São episódios insignificantes?... De forma nenhuma.

ULTIMAS NOTÍCIAS

Na terceira sessão do Congresso Nacional Abolicionista foram aprovados importantes trabalhos de valor pedagógico e social

Sob a presidência do dr. sr. Carneiro de Moura, encontrando-se os lugares de secretários ocupados pelas sr.ªs D. Rosa Pereira e Maria Assunção Silva, realizou-se ontem a terceira sessão do Congresso Nacional Abolicionista.

A sessão abriu às 22 horas, tendo o presidente pronunciado um brilhante discurso cheio de beleza e de recorte literário em que o problema da emancipação da mulher foi tratado com grande proficiência.

O dr. sr. Arnaldo Brazão leu depois um ofício do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria saudando o Congresso e fazendo votos pelo bom êxito dos seus trabalhos.

Antes da ordem fez uso da palavra o sr. dr. António Freire que num largo discurso exaltou o espiritismo como única doutrina salvadora da humanidade.

Virgílio Marques protestou contra a extinção das bibliotecas ao ar livre.

Um vibrante protesto contra uma medida vexatória

D. Angélica Porto apresentou a seguinte moção:

«O Congresso Nacional Abolicionista, ao tomar conhecimento que na cidade do Porto as criadas e os criados de servir são obrigados a possuírem um livro de registo, instituição que em tudo se assemelha ao livrete de meretriz que tanto contribui para o desenvolvimento da prostituição, resolve solicitar do governador civil do Porto a revogação pura e simples das disposições que tal coisa regulam.»

O congressista dr. Arnaldo Brazão referiu-se a seguir à medida tomada pelo governador civil de Leiria contra as criadas de servir, caso relatado por Alves de Freitas no número de 27 do passado mês em *A Batalha*, tendo o orador apresentado, a propósito daquela monstruosidade a seguinte moção:

«O Congresso Nacional Abolicionista ao tomar conhecimento do procedimento ilegal e imoral das autoridades de Leiria ordenando a revista sanitária a todas as criadas de servir de que resultou algumas delas serem inscritas coercivamente meretrizes, protesta energicamente contra esta exorbitância do poder de que foram vítimas mulheres indefesas e resolve levar ao conhecimento do ex.º ministro do Interior esta arbitrariedade que desonra quem a pratica e deslustra quem o consente.»

A tese «Escravidão Feminina» foi alvo da mais calorosa discussão

Entrou-se a seguir na ordem dos trabalhos. A primeira tese a ser lida foi a de D. Maria O'Neill «A Escravidão Feminina», cujas conclusões são:

1.ª—A sociedade culta impõe-se a protecção e defesa dos direitos humanos.

2.ª—É necessário que a educação moral dos rapazes restrinja a licença de que geralmente usam a uma justa liberdade por vontade própria.

3.ª—Ganhando para a causa abolicionista a consciência de homem é que se pode preparar a regeneração social.

4.ª—Pela Assistência e Trabalho evita-se há a devastação nascida da miséria.

5.ª—A saúde pública deve obter-se pela morigeração dos costumes e não pela regulamentação dos vícios.»

Falaram sobre a tese, que foi viva e calorosamente discutida, os congressistas srs. dr. Arnaldo Brazão, Eurico de Figueiredo, D. Angélica Porto, Eduardo Reymão, dr. António Vilela, dr. António Freire, D. Maria O'Neill, Virgílio Marques e Manuel da Silva.

Aprovada esta tese passou-se à leitura do trabalho técnico de D. Delfina Santos Serão, «A Coeducação como agente preventivo da prostituição.»

São desta tese as conclusões que se seguem:

1.ª—A coeducação escolar proficiente-mente orientada e dirigida, só pode contribuir para uma sociedade melhor devendo fazer-se, sem interrupção, desde o ensino infantil até às Universidades.

2.ª—Que, se a promiscuidade dos sexos até aqui tem dado contingente para a prostituição, muito deve ter contribuído a falta da respectiva coeducação.

3.ª—Que a coeducação escolar resultará um melhor conhecimento do carácter, qualidades e defeitos dos indivíduos entre si, modificando-os e moldando-os, desenvolvendo-os.

4.ª—A coeducação escolar proficiente-mente orientada e dirigida, só pode contribuir para uma sociedade melhor devendo fazer-se, sem interrupção, desde o ensino infantil até às Universidades.

5.ª—Que, se a promiscuidade dos sexos até aqui tem dado contingente para a prostituição, muito deve ter contribuído a falta da respectiva coeducação.

6.ª—Que a coeducação escolar resultará um melhor conhecimento do carácter, qualidades e defeitos dos indivíduos entre si, modificando-os e moldando-os, desenvolvendo-os.

7.ª—Que a coeducação escolar proficiente-mente orientada e dirigida, só pode contribuir para uma sociedade melhor devendo fazer-se, sem interrupção, desde o ensino infantil até às Universidades.

8.ª—Que a coeducação escolar resultará um melhor conhecimento do carácter, qualidades e defeitos dos indivíduos entre si, modificando-os e moldando-os, desenvolvendo-os.

9.ª—Que a coeducação escolar proficiente-mente orientada e dirigida, só pode contribuir para uma sociedade melhor devendo fazer-se, sem interrupção, desde o ensino infantil até às Universidades.

10.ª—Que a coeducação escolar resultará um melhor conhecimento do carácter, qualidades e defeitos dos indivíduos entre si, modificando-os e moldando-os, desenvolvendo-os.

MARCO POSTAL

Pôrto.—João Vieira Alves.—Recebemos carta com 3250, que liquidou a sua assinatura até a data. Correspondente em Penafiel, já temos.

Coimbra.—Dr. Manuel dos Reis.—Recebemos 9500 que pagou a assinatura do mês de julho, p. p.

Evredal.—Casimiro Neves de Almeida.—Recebemos vale de 15000. Assinatura ficou paga até 12 do corrente.

AGENDA CALENDARIO DE AGOSTO

	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,41
D.	8	15	22	29	Desaparece às 19,44
S.	2	9	16	23	FASES DA LUA
L.	3	10	17	24	L. N. dia 3 às 13,49
Q.	4	11	18	25	Q. C. 16 às 16,59
Q.	5	12	19	26	L. C. 23 às 12,38
					Q. M. 30 às 4,40

MARES DE HOJE

Faizamar às 6,09 e às 6,36
Baixamar às 11,39 e às 12,00

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94,75	
Madrid, cheque	380,1	
Paris, cheque	553,5	
Bruxelas, cheque	370,5	
New-York, cheque	53,5	
Amsterdão, cheque	19,55	
Itália, cheque	78,5	
Brasil, cheque	365	
Praga, cheque	360	
Suécia, cheque	58	
Austria, cheque	58,24	
Berlim, cheque	257,7	
	456,6	

ESPECTACULOS

Teatros
Nacional.—As 21.—Os Filhos.
Ginásio.—As 21.—Os Meninos... Nua e
Ripete.—As 21.—A Casa de Suzana.
Trindade.—As 21.—O Homem das 5 Horas.
Politeama.—As 21.—O Leão da Estrela.
Teatro.—As 21.—Dr. da Mula Ruiva.
Teatro Vitoria.—As 21 e às 22.—O Az de Es.
padas.
Século Voz.—As 21.—Variedades.
Varietões.—As 21 e às 22.—O Pó de Arroz
Cherno (Vizente e Graça)—Especialistas 1, 3, 5
e 7, sábados e domingos com emulções.
Luzes Parque.—Todas as noites. Concertos di.
versos.
CINEMAS
Tivoli.—Olympia.—Central.—Comdes.—Chiado Ter.
reço.—Ideal.—Arcs Bandeira.—Promotora.—Esperança
—Tivoli.—Cine Paris.

FABRICA
cladidos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

LIMAS NACIONAIS
UNIAO
MARCA REGISTRADA
União Fome Fome, Lda., Alameda da
Experiencia, nos 40, 42, 44, 46, 48, 50, 52, 54, 56, 58, 60, 62, 64, 66, 68, 70, 72, 74, 76, 78, 80, 82, 84, 86, 88, 90, 92, 94, 96, 98, 100, 102, 104, 106, 108, 110, 112, 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146, 148, 150, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 168, 170, 172, 174, 176, 178, 180, 182, 184, 186, 188, 190, 192, 194, 196, 198, 200, 202, 204, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 238, 240, 242, 244, 246, 248, 250, 252, 254, 256, 258, 260, 262, 264, 266, 268, 270, 272, 274, 276, 278, 280, 282, 284, 286, 288, 290, 292, 294, 296, 298, 300, 302, 304, 306, 308, 310, 312, 314, 316, 318, 320, 322, 324, 326, 328, 330, 332, 334, 336, 338, 340, 342, 344, 346, 348, 350, 352, 354, 356, 358, 360, 362, 364, 366, 368, 370, 372, 374, 376, 378, 380, 382, 384, 386, 388, 390, 392, 394, 396, 398, 400, 402, 404, 406, 408, 410, 412, 414, 416, 418, 420, 422, 424, 426, 428, 430, 432, 434, 436, 438, 440, 442, 444, 446, 448, 450, 452, 454, 456, 458, 460, 462, 464, 466, 468, 470, 472, 474, 476, 478, 480, 482, 484, 486, 488, 490, 492, 494, 496, 498, 500, 502, 504, 506, 508, 510, 512, 514, 516, 518, 520, 522, 524, 526, 528, 530, 532, 534, 536, 538, 540, 542, 544, 546, 548, 550, 552, 554, 556, 558, 560, 562, 564, 566, 568, 570, 572, 574, 576, 578, 580, 582, 584, 586, 588, 590, 592, 594, 596, 598, 600, 602, 604, 606, 608, 610, 612, 614, 616, 618, 620, 622, 624, 626, 628, 630, 632, 634, 636, 638, 640, 642, 644, 646, 648, 650, 652, 654, 656, 658, 660, 662, 664, 666, 668, 670, 672, 674, 676, 678, 680, 682, 684, 686, 688, 690, 692, 694, 696, 698, 700, 702, 704, 706, 708, 710, 712, 714, 716, 718, 720, 722, 724, 726, 728, 730, 732, 734, 736, 738, 740, 742, 744, 746, 748, 750, 752, 754, 756, 758, 760, 762, 764, 766, 768, 770, 772, 774, 776, 778, 780, 782, 784, 786, 788, 790, 792, 794, 796, 798, 800, 802, 804, 806, 808, 810, 812, 814, 816, 818, 820, 822, 824, 826, 828, 830, 832, 834, 836, 838, 840, 842, 844, 846, 848, 850, 852, 854, 856, 858, 860, 862, 864, 866, 868, 870, 872, 874, 876, 878, 880, 882, 884, 886, 888, 890, 892, 894, 896, 898, 900, 902, 904, 906, 908, 910, 912, 914, 916, 918, 920, 922, 924, 926, 928, 930, 932, 934, 936, 938, 940, 942, 944, 946, 948, 950, 952, 954, 956, 958, 960, 962, 964, 966, 968, 970, 972, 974, 976, 978, 980, 982, 984, 986, 988, 990, 992, 994, 996, 998, 1000, 1002, 1004, 1006, 1008, 1010, 1012, 1014, 1016, 1018, 1020, 1022, 1024, 1026, 1028, 1030, 1032, 1034, 1036, 1038, 1040, 1042, 1044, 1046, 1048, 1050, 1052, 1054, 1056, 1058, 1060, 1062, 1064, 1066, 1068, 1070, 1072, 1074, 1076, 1078, 1080, 1082, 1084, 1086, 1088, 1090, 1092, 1094, 1096, 1098, 1100, 1102, 1104, 1106, 1108, 1110, 1112, 1114, 1116, 1118, 1120, 1122, 1124, 1126, 1128, 1130, 1132, 1134, 1136, 1138, 1140, 1142, 1144, 1146, 1148, 1150, 1152, 1154, 1156, 1158, 1160, 1162, 1164, 1166, 1168, 1170, 1172, 1174, 1176, 1178, 1180, 1182, 1184, 1186, 1188, 1190, 1192, 1194, 1196, 1198, 1200, 1202, 1204, 1206, 1208, 1210, 1212, 1214, 1216, 1218, 1220, 1222, 1224, 1226, 1228, 1230, 1232, 1234, 1236, 1238, 1240, 1242, 1244, 1246, 1248, 1250, 1252, 1254, 1256, 1258, 1260, 1262, 1264, 1266, 1268, 1270, 1272, 1274, 1276, 1278, 1280, 1282, 1284, 1286, 1288, 1290, 1292, 1294, 1296, 1298, 1300, 1302, 1304, 1306, 1308, 1310, 1312, 1314, 1316, 1318, 1320, 1322, 1324, 1326, 1328, 1330, 1332, 1334, 1336, 1338, 1340, 1342, 1344, 1346, 1348, 1350, 1352, 1354, 1356, 1358, 1360, 1362, 1364, 1366, 1368, 1370, 1372, 1374, 1376, 1378, 1380, 1382, 1384, 1386, 1388, 1390, 1392, 1394, 1396, 1398, 1400, 1402, 1404, 1406, 1408, 1410, 1412, 1414, 1416, 1418, 1420, 1422, 1424, 1426, 1428, 1430, 1432, 1434, 1436, 1438, 1440, 1442, 1444, 1446, 1448, 1450, 1452, 1454, 1456, 1458, 1460, 1462, 1464, 1466, 1468, 1470, 1472, 1474, 1476, 1478, 1480, 1482, 1484, 1486, 1488, 1490, 1492, 1494, 1496, 1498, 1500, 1502, 1504, 1506, 1508, 1510, 1512, 1514, 1516, 1518, 1520, 1522, 1524, 1526, 1528, 1530, 1532, 1534, 1536, 1538, 1540, 1542, 1544, 1546, 1548, 1550, 1552, 1554, 1556, 1558, 1560, 1562, 1564, 1566, 1568, 1570, 1572, 1574, 1576, 1578, 1580, 1582, 1584, 1586, 1588, 1590, 1592, 1594, 1596, 1598, 1600, 1602, 1604, 1606, 1608, 1610, 1612, 1614, 1616, 1618, 1620, 1622, 1624, 1626, 1628, 1630, 1632, 1634, 1636, 1638, 1640, 1642, 1644, 1646, 1648, 1650, 1652, 1654, 1656, 1658, 1660, 1662, 1664, 1666, 1668, 1670, 1672, 1674, 1676, 1678, 1680, 1682, 1684, 1686, 1688, 1690, 1692, 1694, 1696, 1698, 1700, 1702, 1704, 1706, 1708, 1710, 1712, 1714, 1716, 1718, 1720, 1722, 1724, 1726, 1728, 1730, 1732, 1734, 1736, 1738, 1740, 1742, 1744, 1746, 1748, 1750, 1752, 1754, 1756, 1758, 1760, 1762, 1764, 1766, 1768, 1770, 1772, 1774, 1776, 1778, 1780, 1782, 1784, 1786, 1788, 1790, 1792, 1794, 1796, 1798, 1800, 1802, 1804, 1806, 1808, 1810, 1812, 1814, 1816, 1818, 1820, 1822, 1824, 1826, 1828, 1830, 1832, 1834, 1836, 1838, 1840, 1842, 1844, 1846, 1848, 1850, 1852, 1854, 1856, 1858, 1860, 1862, 1864, 1866, 1868, 1870, 1872, 1874, 1876, 1878, 1880, 1882, 1884, 1886, 1888, 1890, 1892, 1894, 1896, 1898, 1900, 1902, 1904, 1906, 1908, 1910, 1912, 1914, 1916, 1918, 1920, 1922, 1924, 1926, 1928, 1930, 1932, 1934, 1936, 1938, 1940, 1942, 1944, 1946, 1948, 1950, 1952, 1954, 1956, 1958, 1960, 1962, 1964, 1966, 1968, 1970, 1972, 1974, 1976, 1978, 1980, 1982, 1984, 1986, 1988, 1990, 1992, 1994, 1996, 1998, 2000, 2002, 2004, 2006, 2008, 2010, 2012, 2014, 2016, 2018, 2020, 2022, 2024, 2026, 2028, 2030, 2032, 2034, 2036, 2038, 2040, 2042, 2044, 2046, 2048, 2050, 2052, 2054, 2056, 2058, 2060, 2062, 2064, 2066, 2068, 2070, 2072, 2074, 2076, 2078, 2080, 2082, 2084, 2086, 2088, 2090, 2092, 2094, 2096, 2098, 2100, 2102, 2104, 2106, 2108, 2110, 2112, 2114, 2116, 2118, 2120, 2122, 2124, 2126, 2128, 2130, 2132, 2134, 2136, 2138, 2140, 2142, 2144, 2146, 2148, 2150, 2152, 2154, 2156, 2158, 2160, 2162, 2164, 2166, 2168, 2170, 2172, 2174, 2176, 2178, 2180, 2182, 2184, 2186, 2188, 2190, 2192, 2194, 2196, 2198, 2200, 2202, 2204, 2206, 2208, 2210, 2212, 2214, 2216, 2218, 2220, 2222, 2224, 2226, 2228, 2230, 2232, 2234, 2236, 2238, 2240, 2242, 2244, 2246, 2248, 2250, 2252, 2254, 2256, 2258, 2260, 2262, 2264, 2266, 2268, 2270, 2272, 2274, 2276, 2278, 2280, 2282, 2284, 2286, 2288, 2290, 2292, 2294, 2296, 2298, 2300, 2302, 2304, 2306, 2308, 2310, 2312, 2314, 2316, 2318, 2320, 2322, 2324, 2326, 2328, 2330, 2332, 2334, 2336, 2338, 2340, 2342, 2344, 2346, 2348, 2350, 2352, 2354, 2356, 2358, 2360, 2362, 2364, 2366, 2368, 2370, 2372, 2374, 2376, 2378, 2380, 2382, 2384, 2386, 2388, 2390, 2392, 2394, 2396, 2398, 2400, 2402, 2404, 2406, 2408, 2410, 2412, 2414, 2416, 2418, 2420, 2422, 2424, 2426, 2428, 2430, 2432, 2434, 2436, 2438, 2440, 2442, 2444, 2446, 2448, 2450, 2452, 2454, 2456, 2458, 2460, 2462, 2464, 2466, 2468, 2470, 2472, 2474, 2476, 2478, 2480, 2482, 2484, 2486, 2488, 2490, 2492, 2494, 2496, 2498, 2500, 2502, 2504, 2506, 2508, 2510, 2512, 2514, 2516, 2518, 2520, 2522, 2524, 2526, 2528, 2530, 2532, 2534, 2536, 2538, 2540, 2542, 2544, 2546, 2548, 2550, 2552, 2554, 2556, 2558, 2560, 2562, 2564, 2566, 2568, 2570, 2572, 2574, 2576, 2578, 2580, 2582, 2584, 2586, 2588, 2590, 2592, 2594, 2596, 2598, 2600, 2602, 2604, 2606, 2608, 2610, 2612, 2614, 2616, 2618, 2620, 2622, 2624, 2626, 2628, 2630, 2632, 2634, 2636, 2638, 2640, 2642, 2644, 2646, 2648, 2650, 2652, 2654, 2656, 2658, 2660, 2662, 2664, 2666, 2668, 2670, 2672, 2674, 2676, 2678, 2680, 2682, 2684, 2686, 2688, 2690, 2692, 2694, 2696, 2698, 2700, 2702, 2704, 2706, 2708, 2710, 2712, 2714, 2716, 2718, 2720, 2722, 2724, 2726, 2728, 2730, 2732, 2734, 2736, 2738, 2740, 2742, 2744, 2746, 2748, 2750, 2752, 2754, 2756, 2758, 2760, 2762, 2764, 2766, 2768, 2770, 2772, 2774, 2776, 2778, 2780, 2782, 2784, 2786, 2788, 2790, 2792, 2794, 2796, 2798, 2800, 2802, 2804, 2806, 2808, 2810, 2812, 2814, 2816, 2818, 2820, 2822, 2824, 2826, 2828, 2830, 2832, 2834, 2836, 2838, 2840, 2842, 2844, 2846, 2848, 2850, 2852, 2854, 2856, 2858, 2860, 2862, 2864, 2866, 2868, 2870, 2872, 2874, 2876, 2878, 2880, 2882, 2884, 2886, 2888, 2890, 2892, 2894, 2896, 2898, 2900, 2902, 2904, 2906, 2908, 2910, 2912, 2914, 2916, 2918, 2920, 2922, 2924, 2926, 2928, 2930, 2932, 2934, 2936, 2938, 2940, 2942, 2944, 2946, 2948, 2950, 2952, 2954, 2956, 2958, 2960, 2962, 2964, 2966, 2968, 2970, 2972, 2974, 2976, 2978, 2980, 2982, 2984, 2986, 2988, 2990, 2992, 2994, 2996, 2998, 3000, 3002, 3004, 3006, 3008, 3010, 3012, 3014, 3016, 3018, 3020, 3022, 3024, 3026, 3028, 3030, 3032, 3034, 3036, 3038, 3040, 3042, 3044, 3046, 3048, 3050, 3052, 3054, 3056, 3058, 3060, 3062, 3064, 3066, 3068, 3070, 3072, 3074, 3076, 3078, 3080, 3082, 3084, 3086, 3088, 3090, 3092, 3094, 3096, 3098, 3100, 3102, 3104, 3106, 3108, 3110, 3112, 3114, 3116, 3118, 3120, 3122, 3124, 3126, 3128, 3130, 3132, 3134, 3136, 3138, 3140, 3142, 3144, 3146, 3148, 3150, 3152, 3154, 3156, 3158, 3160, 3162, 3164, 3166, 3168, 3170, 3172, 3174, 3176, 3178, 3180, 3182, 3184, 3186, 3188, 3190, 3192, 3194, 3196, 3198, 3200, 3202, 3204, 3206, 3208, 3210, 3212, 3214, 3216, 3218, 3220, 3222, 3224, 3226, 3228, 3230, 3232, 3234, 3236, 3238, 3240, 3242, 3244, 3246, 3248, 3250, 3252, 3254, 3256, 3258, 3260, 3262, 3264, 3266, 3268, 3270, 3272, 3274, 3276, 3278, 3280, 3282, 3284, 3286, 3288, 3290, 3292, 3294, 3296, 3298, 3300, 3302, 3304, 3306, 3308, 3310, 3312, 3314, 3316, 3318, 3320, 3322, 3324, 3326, 3328, 3330, 3332, 3334, 3336, 3338, 3340, 3342, 3344, 3346, 3348, 3350, 3352, 3354, 3356, 3358, 3360, 3362, 3364, 3366, 3368, 3370, 3372, 3374, 3376, 3378, 3380, 3382, 3384, 3386, 3388, 3390, 3392, 3394, 3396, 3398, 3400, 3402, 3404, 3406, 3408, 3410, 3412, 3414, 3416, 3418, 3420, 3422, 3424, 3426, 3428, 3430, 3432, 3434, 3436, 3438, 3440, 3442, 3444, 3446, 3448, 3450, 3452, 3454, 3456, 3458, 3460, 3462, 3464, 3466, 3468, 3470, 3472, 3474, 3476, 3478, 3480, 3482, 3484, 3486, 3488, 3490, 3492, 3494, 3496, 3498, 3500, 3502, 3504, 3506, 3508, 3510, 3512, 3514, 3516, 3518, 3520, 3522, 3524, 3526, 3528, 3530, 3532, 3534, 3536, 3538, 3540, 3542, 3544, 3546, 3548, 3550, 3552, 3554, 3556, 3558, 3560, 3562, 3564, 3566, 3568, 3570, 3572, 3574, 3576, 3578, 3580, 3582, 3584, 3586, 3588, 3590, 3592, 3594, 3596, 3598, 3600, 3602, 3604, 3606, 3608, 3610, 3612, 3614, 3616, 3618, 3620, 3622, 3624, 3626, 3628, 3630, 3632, 3634, 3636, 3638, 3640, 3642, 3644, 3646, 3648, 3650, 3652, 3654, 3656, 3658, 3660, 3662, 3664, 3666, 3668, 3670, 3672, 3674, 3676, 3678, 3680, 3682, 3684, 3686, 3688, 3690, 3692, 3694, 3696, 3698, 3700, 3702, 3704, 3706, 3708, 3710, 3712, 3714, 3716, 3718, 3720, 3722, 3724, 3726, 3728, 3730, 3732, 3734, 3736, 3738, 3740, 3742, 3744, 3746, 3748,

A BATALHA

A mulher de Alves Reis deu entrada no Aljube, sendo-lhe arbitrada a fiança de cinco mil contos



As levas de condenados para Africa

Como se "regeneram" criminosos

A policia, os tribunais e a procuradoria da república — eis as organizações que têm a seu cargo obrigar os criminosos a regeneração.

A defesa da sociedade está entregue a estas três classes distintas e nenhuma verdadeira, que blasonam os seus serviços, os seus sacrificios a bem da ordem pública, patrulhas que muitos incrédulos tomam como verdades.

Verdade, infelizmente, é esta: a policia exerce muitas vinganças sobre indivíduos que lhe caem em desgraça, e outros que encontra ao acaso na rua, enviando-os ao tribunal como vadios porque uma crise de trabalho os tornou mais assíduos frequentadores da taverna ou porque uma rusga os encontrou no Aterro, com fome, abandonados, os tribunais interpretam a lei de muitas maneiras e cometem verdadeiras infâmias acreditando as mentiras da policia e condenando os homens sem cadastro e até mesmo a primeira vez cairam na cadeia da lei; a procuradoria da república completa esta obra de destruição humana, mandando-os para Africa doentes, rotos, mortos de fome.

E' assim que se regeneram criminosos e se punem delinquentes em Portugal. A lei e a sociedade procuram assim engrandecer-se sob os milhares de vítimas que arremesam para o Alto das Cruzes, de Loanda, a sepultura aberta onde vão cair em massa todas as levas de condenados e entregues ao governo que não vão morrer ao interior.

Portugal está tornado um país onde não há, para os infelizes deserdados, outro recurso que não seja o da morte. O que não possui o abrigo dum misero tugurio, onde possa morrer de fome em silêncio, encontra na lei o fim da sua existência, apesar de não lhes poder ser aplicada a pena de morte, que foi banida dos códigos.

As levas de condenados e entregues ao governo para Africa, são a demonstração trágica do atraso em que o país se encontra e da pouca consideração que merecem aos governantes as vidas dos que têm a desdita de cair entre ferros da república.

Custa a crer de facto que a Procuradoria da República se imponha aos médicos que inspecionam os presos e quasi imponha a inclusão nas levas de homens doentes, declarados pelos médicos, tuberculosos! É isto é infelizmente verdade!

Na última leva foram alguns destes desgraçados que a Procuradoria a força de velar pela "segurança da sociedade" fez embarcar, para os curar, de vez... E entre aqueles infelizes condenaram como vadios, para defesa da sociedade, a Procuradoria da República mandou "regenerar" para Alto das Cruzes e os médicos, sem um assomo de dignidade profissional, consentiram em tal medida, quando o estado de desequilíbrio mental das duas vítimas era bem visível e conhecido dos próprios empregados da cadeia como não podia passar despercebido a qualquer pessoa que com eles trocasse um simples olhar.

Isto faz-se em Portugal! E com estas medidas que se purifica a sociedade, que se limpam as cidades e que os altos funcionários justificam os seus vencimentos. E nem em nome dos sagrados princípios

EM LEIRIA

Para salvar um policia autor de várias infâmias e violências pretende-se incriminar um operário

Publicou há dias a Batalha uma correspondência de Leiria referindo as violências ignóbeis que a policia daquela cidade tem cometido contra vários presos. Referimos também, nessa altura, as violências cometidas pelo policia 52 daquela cidade, de nome Matias Lopes da Silva. Chegou-nos agora as mãos um extenso manifesto em que se relatam novas infâmias e do qual transcrevemos as seguintes passagens essenciais:

"Há já tempos, encontrando-se presa uma mulher de quem projectava abusar, depois de a levar a secretaria do commissariado a perguntas, saiu acompanhado por ela e levou-a a passar a noite em companhia no quarto de um seu colega.

Como a entrada dele, acompanhado duma mulher que horas antes estava presa, para aquele local, despertasse suspeitas no guarda de serviço à área, este aproximou-se a ver melhor o que se passava.

Ao ver-se surpreendido, o Silva, saindo a rua, dirigiu-se ao referido policia e intimou-o — sob a ameaça dum tiro na cabeça — a que dali saísse e não mais o tentasse espreitar.

Não é este um caso esporádico e a série de violências aumenta. Haverá, talvez dois meses e meio, com o pretexto de a submeter a perguntas, foi buscar uma mulher ao Vale do Sobreiro, de nome Inácia de Jesus, casada com um preso que se acia em Leiria.

No caminho tentou abusar dela, não o tendo conseguido devido ao aparecimento repentino de dois carreiros na estrada.

Sentiu contrariados os seus desejos libérricos e não pôde ver satisfeita a sua fúria de masmarro, mas não desistiu e ficou a rumar vingança, a premeditar desforra que lhe deixasse compensador lucro.

No dia 14 do passado mês de Julho, intimou Maria José de Jesus, solteira, de 18 anos de idade, irmã da acima indicada, a comparecer em Leiria, na secção de investigação, a fim, segundo fez constar, de prestar declarações.

Antes de comparecer fez-lhe esperar muitíssimo e depois da sua chegada, não abordando qualquer conversa que a policia e aos pretextos invocados dissesse respeito, tratou de entrar em conversas preparatórias da vileza que trazia enfeitada.

Acompanhado por ela saiu depois da sua raioceria e levou-a a jantar a um estabelecimento de comidas desta cidade, donde saiu com ela, pelas oito horas da noite.

Vagueou pelos arrabaldes obrigando a

de humanidade ou dos tão falados interesses da pátria ha quem ponha cõbo a estas barbaridades. Inutilizam-se assim homens que podiam produzir e adaptar-se ao trabalho, de futuro, se em vez de os arremesarem para um clima mortífero, de onde raros voltam, os fizessem produzir no continente, devidamente remunerados. Rouba-se a outros doentes o direito ao tratamento que até só por dever social não devia ser recusado.

Julgaram talvez os que nos têm que termina aqui a série de iniquidades. Não! Há mais.

Os que são julgados, condenados como vadios, ficam à disposição do governo por um período que, segundo a lei, não pode ir além de seis anos. Parece portanto que estando um "entregue" preso há seis anos a Procuradoria nada tinha que o mandar para Africa.

Pois na última leva, como em todas as levas, foram para Africa homens com seis anos de prisão cumprida no forte de Monsanto. Em vez de serem restituídos a liberdade como lhes pertencia por lei, foram mandados para Loanda onde terão que cumprir novamente mais três anos, que por lei ali cumprem os "entregues".

De tal modo, com tal zelo a procuradoria vela pelo cumprimento da lei que, saltando por cima de todas as leis, impõe assim a um condenado uma nova pena, que o tribunal não lhe aplicou, que os códigos não prescrevem.

A isto se tem limitado o papel da procuradoria. E para isto dispõe o Estado duma verba pesadíssima para o transporte de presos e com os funcionários da procuradoria que deste modo o prestígiam. Além de todas estas arbitrariedades que se têm cometido, há ainda outras que mais concorrem para o desprestígio do Estado, por intervenção da procuradoria. Há os indivíduos sobre os quais recai o ódio político do sr. César dos Santos, e que têm de se haver com ele em todas as conjunturas do cativerio. Um exemplo:

O operário tanoeiro António Nunes Canha, condenado há um ano pelo crime do cemitério dos Prazeres, submetido a várias inspecções para seguir para Loanda, tem sido reprovado pelos médicos, possuindo mesmo alguns atestados da sua doença. Pois a procuradoria tanto se tem "interessado" por ele que todas as vezes o seu representante que assiste às inspecções há-de sempre teimar com os médicos para que aprovem o Canha. E tanto tem influido por todos os meios no animo dos médicos que na última leva este preso estava aprovado para seguir, o que apenas um médico, o da cadeia de Monsanto, não consentiu porque de facto verificou o seu precário estado de saúde. E o preso vai mais uma vez ser submetido a uma nova junta, porque o sr. procurador da república tomou sobre si o encargo de o fazer seguir para Africa, de o perseguir até satisfazer os seus instintos pois parece comprazer-se com o sofrimento dos pequenos, de quem nada tem a recear.

E' assim que se regeneram criminosos. Para isto existe a procuradoria da república!

João Maria MAJOR

Preso social do Forte de Monsanto

rapariguita a acompanhá-lo e experimentando por várias vezes em prática os seus intentos perversos, mas sempre sem resultado.

Verificando que nada assim fazia, arrastou-a até ao Largo da Padeira de Aljube, e numa casa para pernitoir que ali existe obrigou-a a dormir na sua companhia.

De pistola em sitio bem vizível, fez-lhe sentir que lhe queimaria os olhos se gritasse e conseguiu o que almejava — desflorou-a.

Nos dias 20 e 21 do corrente foi ele a Carangueira pedir a vários indivíduos, entre eles o régeedor substituto, para irem dizer às citadas mulheres que dissessem que tudo era falso, que ele nada lhes tinha feito.

E para que no espirito das criaturas classe mais a necessidade de ocultarem a verdade, deixou-lhes impudente a ameaça de que, se elas continuassem a dizê-lo, e se a policia de Leiria soubesse, as iriam buscar e lhes meteriam nas mãos o ignóbil livrete de prostitutas.

Depois de ter lançado mão dos baixos processos que mostram a sua alma vil, ainda se vale, para fazer cair no olvido suas patifarias, das ameaças torpes.

Abusa esse canalha da circunstância de policia que gosa e julga que tudo fará quanto lhe aprouver. Engana-se!

O policia, autor de todas estas infâmias, jacta-se de ter a impunidade assegurada devido a ser irmão da amante do commissário. Os factos apontados no referido manifesto são confirmados por sete policia daquela cidade que depuseram na sindicância.

Em consequência do manifesto foram arbitrariamente presos os operários Domingos da Conceição Felizardo e José Agostinho das Neves. Em casa deste último foi passada uma busca pretendendo a policia ter-lhe apreendido uma pistola. Acontece, porém, que a busca se fez na presença dele que ao ver a infâmia que pretendiam cometer, "inventando-se uma pistola", protestou indignadamente.

Trata-se, como salta à vista, duma repulente vingança, pretendendo-se atrair com aquele operário para Viseu, a fim-de ser julgado como detentor de arma prohibida.

Contra esta infâmia, que causou uma justa revolta entre as classes trabalhadoras de Santarém, lavramos, desde já, o nosso veemente protesto.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha. A Revolução Social e o Sindicalismo. Por Arkonof. Preço 1550.

INTERESSES DE CLASSE

A situação económica e moral dos pescadores

A luta pela existência em todos os ramos da vida do proletariado é excessivamente terrível, árdua, dolorosa. Mas há uma classe, entre todas as que lutam pela existência, que se sobrelheva em sacrificio a quasi todas as outras: é a piscatória, a qual pertence o signatário destas linhas.

Ninguém ignora o perigo com que nós, os pescadores, enfrentamos intrepidamente e sem hesitações o mar revoltoso em noites temerosas de inverno e, no entanto, como nos recompensam o nosso esforço? A resposta a esta interrogação é o que eu passo a expor, sem receio de desmentido.

Por uma matrícula firmada na Capitania do Porto de Lisboa, entre nós, pescadores e os armadores, obrigam-se estes pelas condições dessas matrículas a pagar como vencimento diário, a cada camarada a quantia que varia entre 70 e 1500, mais se obriga a dar-nos um "percentagem de 20 %", sobre as vendas do peixe, depois de deduzidas as despesas alfandegárias e outras inerentes à laboração da pesca, a qual será dividida entre todos os camaradas que compõem a companhia de cada cerco.

Ainda se obrigam os armadores a dar-nos todas as vezes que o cerco mate sardinha, uma porção de peixe, denominada caldeira.

Quem não conhece este ramo de industria, estou certo que ficará estupefacto perante o que acaba de expor, porque dirão que é que um homem, muitas vezes com encargo da manutenção de 4 ou mais pessoas de família, pode fazer face a esses encargos com tão restritos proventos.

Não depende, evidentemente, do vencimento diário, por conseguinte, tem de ser do produto das caldeiras e da percentagem.

Sucede, porém, que os armadores não se sujeitam a uma fiscalização feita por nossa parte, porque nos vêm dando o que muito bem entendem, não admitindo que algum camarada inquiria sobre as despesas feitas com a aquisição de sal, água, luz e impostos alfandegários a que está sujeita a venda da sardinha, e consequentemente possa saber quanto devia receber, com exactidão, aquilo que legitimamente nos pertence.

Na parte que diz respeito às caldeiras, passo a explicar a forma como é feita a sua distribuição.

Depois de verificado, pelo mestre de pesca, a quantidade de peixe que se encontra dentro da capejada, sai, por escala, nomeados 4 camaradas para pegar esse peixe para bordo dos buques e, a medida que se procede ao carregamento desses barcos, o mestre vai procurando saber a quantidade que resta.

Quando dentro dessas redes só existe uma quantidade de peixe muito diminuta em relação àquela que se encontra dentro dos buques, é que é dada a voz de *á dentro* e debruça-se sobre a borda do galeão mudo de um sacco de rede, a que é dado o nome de *chaleira*, procurando assim disputar as poucas sardinhas que se encontram dentro da capejada, como se fossemos uns famintos que estivéssemos disputando os restos dum banquete.

O mestre que origina a demora desses camaradas nesta revolta e vexatória forma de pagar o trabalho, faz-nos suspender essa tarefa agredindo-nos com archotes e acenos e com remos dos buques ou qualquer outro objecto com que nos possa espancar.

Quem for dotado daqueles sentimentos que ornamentam um homem de bem, não poderá decerto deixar de se revoltar contra estes actos que só demonstram selvajaria.

Perante tudo isto só um caminho se nos depara, a organização, e pela luta de classes, eis o meio pelo qual poderemos levantar a dignidade de uma classe que vem sendo colonialmente vilipendiada.

E' preciso fazermos reconhecer aos senhores potentados que temos o direito inegável à existência, como trabalhadores que somos e que vimos alimentando com o nosso trabalho os ociosos, que nada produzindo tudo têm, não reconhecendo em nós os sustentáculos das suas prodigalidades afrontosas, a nós, trabalhadores.

Urge, portanto, que em Setúbal, Olhão, Faro, Portimão e em Lisboa se tome a resolução imediata de criar os seus organismos sindicais, única forma que se me afigura de um bom éxito para o objectivo que pretendemos atingir.

Daqui levanto o alvitre, cõscio de que os camaradas que se encontram naqueles portos piscatórios, e que reconhecem esta grande necessidade, digam da sua justiça, por intermédio dos representantes de A Batalha, para actuarmos conforme as circunstâncias o indicarem. — Um pescador.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45000.

Encadernação (por capas e índice), 20500.

Capas e índice em separado, 15500.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, a administração de A Batalha.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2800; pelo correio, 2850.

Pedidos à administração de A Batalha.

Depósito Central de Fardamentos

Dissemos nós, há dias, que havia sido afastado do serviço do Depósito Central de Fardamentos o tenente coronel Lemos, director daquele estabelecimento, por motivo da sindicância que lhe está sendo feita.

Chega-nos a noticia, porém, de que o sr. Lemos continua a dirigir todos os serviços do Depósito, para o que se instalou na "Mess" dos officiais, onde lhe são submetidos os assuntos a despacho.

Razão tinhamos nós quando dissemos que o sr. Lemos devia ser logo suspenso ao iniciar-se a sindicância. Veremos no que tudo isto vai dar!...

TAXIMETROS MAIS BARATOS!

Duas novas tarifas que muito poderão beneficiar a população lisboeta

Nos últimos tempos têm chovido os *taxis* em Lisboa. Estabeleceu-se logo de começo uma febril concorrência que a falta dum impossível monopólio torna vastíssima. A' confusão e alegria que os *taxis* vieram lançar nas ruas de Lisboa correspondem uma confusão de preços que o público difficilmente consegue discernir. Porque razão ha-de existir um preço caro e preços baratos para um serviço de tão grande utilidade pública?

A Carris estava sósnha em campo, ou melhor: sósnha nas ruas, transportando-nos em carros onde quasi se não respira, exigindo-nos muito dinheiro e dando-nos escasso serviço, à guisa de inolvidável benefício.

Um operário, um empregado, qualquer pessoa, teria de submeter as suas preocupações de urgência ao critério de uma companhia laudavelmente favorecida e fartamente brutal. Vieram os *taxis* mas, até hoje, o seu preço, se bem impedindo os constantes e odiosos aumentos de tarifas nos carros eléctricos, não conseguiu que uma pessoa, occupada muito mais legitimamente pelos seus interesses que pelos da Carris, pudesse escolher um meio de transporte mais rápido e mais económico.

Uma informação da Câmara Municipal tornou-se-nos grata pelo seu conteúdo.

Luis Junqueira apresentou à Câmara um requerimento, que foi deferido, em que pedia autorização para apresentar ao serviço nas ruas um taximetro de novo tipo para dividir as frações de 50 em três de 20, não alterando o percurso dos 800 metros como está estipulado na lei. Ao fim dos 800 metros vem a pagar só 3520 e por cada 100 metros mais 520. O aparelho foi examinado na repartição das aferições, dando o resultado desejado.

Também Vitor Manuel Novoa pediu à Câmara autorização para pôr na praça um automóvel "Fiat", tipo 509, 4 lugares, para serviço de taximetro com a seguinte tabela: Tarifa n.º 1, serviço de ida e volta ou continuo (1 a 4 pessoas), pelos primeiros 800 metros ou fracção, 1550; por cada 300 metros a mais, ou fracção, 550; por cada 5 minutos de espera ou fracção, 350. Tarifa n.º 2, serviço por corrida (1 a 4 pessoas), pelos primeiros 550 metros ou fracção, 1550; por cada 200 metros a mais ou fracção, 550; por cada 5 minutos de espera ou fracção, 550. Os serviços para fora de Lisboa são pela tarifa 1, pagando o freguez a ida e o regresso. O requerimento foi deferido.

Tudo isso está muito certo, e não deve deixar de merecer o nosso aplauso. Desejamos, porém, que o número destas iniciativas — que, notável circunstância nunca fizeram parte de maravilhosos planos de fomento e economia — se multipliquem tanto quanto os carros eléctricos e os automóveis caros desapareçam, e que quem tenha de se fazer transportar rapidamente a um lugar de trabalho ou de recreio não esteja à mercê de monopólios odiosos.

LUTA DE CLASSES

A questão da escala de trabalho nas classes marítimas

De há algum tempo a esta parte que se vem notando, por parte de alguns armadores e agentes de navegação, a pretensão de extinguir a escala de trabalho, umas das regalias das classes marítimas.

A escala de trabalho colocou todos os que vivem ao abrigo dela em igualdade de circunstâncias, quer para os direitos, quer para os deveres. Se não fosse ela praticar-se-hiam continuamente as mais flagrantes injustiças e exercer-se-hiam as mais odiosas perseguições.

Quando se usava o sistema dos contos, por escolha, muitos ficavam no cais contando o número de dias decorridos sem ganhar um centavo; esperando largo tempo o parente, o amigo ou alguém que os pudesse favorecer.

Este sistema não podia persistir: não se podia manter este regime de favoritismo. Além disso os trabalhadores ficavam sujeitos à vingança dos encarregados porque este é que os escolhia para determinados serviços. Trabalhador que não fosse obediente às suas ordens e aos seus caprichos era logo substituído. Para ser sistematicamente excluído do trabalho bastava o mais insignificante capricho.

Basta a citação destes factos para que se reconheça a insosmável utilidade da escala de trabalho. Todas as criaturas de espirito recto e justiciero concordarão, portanto, que a escala de trabalho era um meio excelente para evitar que estalasses de fome todos os que não tiveram a felicidade de nascer armadores, agentes de navegação ou encarregados.

Aqui têm os leitores sucintamente expostas as razões do *lock-out* dos armadores e dos agentes de navegação que pretendem destruir a regalia, justa e necessária, da escala de trabalho.

Prevenção do Sindicato Unico Mobiliário

Previnem-se todos os operários desta industria de que não devem aceder a trabalhar para a oficina do industrial Manuel do Carmo Neves, com maior número de horas de trabalho que as estabelecidas por este sindicato, ou, ainda, com baixa de salários.

Os conflitos operários em França

Na cidade de Toulouse succedem-se as greves na iluminação e nos transportes.

TOULOUSE.—Os empregados de ambos os sexos dos transportes em comum desta região votaram uma moção análoga à dos empregados da companhia do gaz. A greve deve ser declarada no dia 3 de Agosto corrente. O pessoal da companhia de electricidade mostra-se disposto a assumir uma attitude semelhante.—H.

LER E ASSINAR "Os Mistérios do Povo"

CARTA DO PORTO

Um aprendiz morto após o brutal espancamento dum industrial

PORTO, 3.—A' volta do sr. António Vieira da Silva ainda hoje existe um mistério a desvendar. Isto é: ainda se pergunta se o jovem operário António dos Anjos foi ou não despachado para os *anjinhos*, mediante a guia de um bárbaro espancamento infligido, no próprio templo do trabalho, por aquele industrial de marcenaria, da rua Barros Lima.

Se olharmos a que o sr. António Vieira da Silva é um grande influente do *pão* do Santo Antoninho, do Bomfim; que é um fervoroso adorador da religião católica e, por isso mesmo, um humanitário teizente a Deus — certamente que nos custa a crer que ele desse tão duro *pão* e tão duras *nozes* ao "Antoninho" de 12 anos, seu aprendiz, que este tivesse de os lançar na algeiz de uma campá rasa...

Se atendermos, porém, ao que se diz, nós somos forçados a acreditar que o filantropo do *pão* de Santo Antoninho... da estrada... é um criminoso, que merece a repulsa de toda a gente de bem, de toda a pessoa que tem sentimentos verdadeiramente humanitários e fora, portanto, da nefasta hipocrisia das confrarias...

O protesto que o Sindicato Unico do Mobiliário tornou publico contra o espancamento, fez-nos ir até à travessa Barão Nova Cintra, n.º 27, casa 3, directamente colher alguns informes com a própria família da vítima. Tivemos de falar com a madrastra da mãe da criança, porque a dita mãe, estando tuberculosa, tem-lhe occultado a morte do filho! Fomos convidados a falar baixinho, a pesar de estarmos um pouco distantes, não fosse ela, que tem ouvidos de físcia, ouvir qualquer coisa, apressando-se-lhe o desenlace fatal...

No olhar da interrogada, bem como no de algumas vizinhas que nos rodeavam, lia-se a certeza nua que todas têm em que António dos Anjos falecera devido às pancadas que lhe dera o industrial António Vieira da Silva.

No entanto, não possuem provas jurídicas, documentais, porque o zurdor não lhas passou nem as chamou para que vissem espancar o inditoso jovem...

De positivo, é que é bem eloquente, há isto: António dos Anjos levou a coça numa sexta-feira. No dia seguinte deixou de comer, depois recolheu ao hospital para, volvidos alguns dias, baixar ao cemitério. O rapaz, disseram ainda, afirmou sempre que a sua doença fora devida às pancadas do patrão...

Para nós isto é mais que suficiente. Mas como têm passado impunes muitos crimes destes praticados por essas oficinas e fábricas fora, é natural que este passe também em branco... por falta de um documento passado pelo "malhador"...

De resto, o citado industrial está em boas relações com o pai do céu: o nuncio apostólico, o delegado do Papa ou o que quer que é, quando outro dia foi visitar o Santo Antoninho do Bomfim, concedeu duzentos dias de indulgências aos venerandos do santo. Ora como Vieira da Silva é um fervoroso devoto do *pão* do Santo Antoninho, está também, incluído na indulgência — está, portanto, perdoado do duro e perpétuo *pão* que encheu o corpo do infeliz António dos Anjos a *viajar* pela eternidade dos finados...

Se ele, o industrial "benemérito", está celestemente absolvido, porque não há-de também estar terrenamente desculpado? Um patrão é um patrão, gosa de imunidades capitalistas. Moço operário a mais, moço operário a menos, pouco importa.

Demais, segundo outras informações, o bom e religioso Vieira da Silva deu alguma coisa para o enterro, com muito custo é certo, mas isso foi devido ao facto de lhe terem apupado a mulher em sinal de revolta popular contra o mencionado espancamento que veio produzir a morte duma criança, em holocausto ao revigoramento da raça...

E agora? Agora acabou-se: já não se pode tirar as pancadas do corpo da vítima em putrefacção e ainda muito menos restituí-lhe a vida...

C. V. S.

ASSINEM Os mistérios do Povo



Grande excursão fluvial

Está despertando grande interesse entre a classe operária o passeio fluvial que a comissão escolar do Sindicato Unico da Construção Civil realiza, no dia 15 de Agosto, pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um pic-nic no pinhal, depois do que prosseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daqui a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gazolina da Cooperativa dos Catraeiros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belem, onde atracará num gazolina a ponte para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

Acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verdi.

Como a comissão escolar tem de comunicar à Cooperativa dos Catraeiros, com 8 dias de antecedência, os barcos que necessita, previnem-se todos os camaradas que se queiram aproveitar deste magnifico passeio para se munirem dos respectivos bilhetes até essa data, para assim facilitarem o trabalho a esta comissão.

Os bilhetes estão à venda na administração de A Batalha, na residência do continuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10500, podendo ser pagos em 4 prestações de 2550 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

Vida Sindical

Reunião de Federações

Por motivo de ter terminado tarde a sessão de ontem das federações, para tratar do incidente latente no seio da C. O. T., só amanhã serão publicados os extratos das sessões e as resoluções tomadas.

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

C. S. T.

Conselho geral

Para continuação de trabalhos, reúne-se na próxima sexta-feira, pelas 21 horas, o Conselho Geral.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação de Couros e Peles. — Comissão Administrativa. — Reúne às 21 horas.

Sindicato Unico Mobiliário. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa e os cobradores.

Sindicato da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Secção dos carpinteiros civis. — Pelas 21 horas, a assembleia geral para apreciação do relatório e contas do primeiro semestre de 1926.

Secção dos pedreiros. — Pelas 21 horas, a assembleia geral, assuntos urgentes.

Manipuladores de *pão*. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Sindicato Metalúrgico. — Secção do Alto do Pina. — Amanhã, pelas 20 e meia horas, a comissão reorganizadora.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o secretariado central, em conjunto com a comissão organizadora do Alto do Pina e secção de Belem.

Construção Civil de Linda-a-Pastora. — Em assembleia geral reúne-se amanhã, pelas 20,30 horas, para se ocupar de diversos assuntos de grande interesse para a Associação. Nesta assembleia comparecem dois delegados da Federação.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Descarregadores da Vaia do Carregado. — Em reunião de assembleia geral foram apreciados os trabalhos do delegado ao conselho federal, sendo resolvido officiar a associação dos estivadores dando-lhe conhecimento de estar incondicionalmente a seu lado, aguardando resoluções da Federação.

Foi aprovado um enérgico protesto contra o sr. António Pereira, proprietário e arrais dum barco que está carregando cortiça no estremo do Marquês de Castelo Melhor, proximo a esta localidade, pela importância de \$15 centavos por fardo, prejudicando a campanha, os descarregadores de mar e terra e as classes marítimas em geral.

Construção Civil de Messines. — Reúne a comissão administrativa tendo nomeado dois camaradas para fiscalizar o horário de trabalho e resolvido officiar a federação para tratar duma oficina de carpinteiro de carros que não cumpre o horário de trabalho.

Tratou também da fundação dum grupo dramático destinado a auxiliar a organização operária.

O preço e manipulação de medicamentos

Foi ontem para o *Diário do Governo*, o regimento dos preços dos medicamentos e manipulações para servir de directório às farmácias e para fiscalização daqueles estabelecimentos.